

## “A ESCOLHA”, DE RONALDO CORREIA DE BRITO: UMA ABORDAGEM PARA O NÍVEL MÉDIO

Clislane Ramos de Brito

*Universidade Federal de Campina Grande - clislanebrito2411@gmail.com*

Paloma do Nascimento Oliveira

*Universidade Federal da Paraíba - palomaoliveira03@gmail.com*

**Resumo:** No presente trabalho, analisou-se o conto “A Escolha” de Ronaldo Correia de Brito, assim como sugerimos uma proposta de abordagem do texto para o nível médio. Com isso, buscou-se estruturar uma sequência didática capaz de comportar as especificidades relacionadas ao ensino da literatura. Na tentativa de mostrarmos que o ensino literário pode ser feito de um modo diferente, fazendo com que o aluno perceba que o conto, na sua essência, é um gênero que proporciona uma reflexão sobre a condição do sujeito na sociedade, procuramos pensar em opções e soluções relacionadas ao ensino literário. Assim sendo, almejamos ter a certeza de que tais reflexões possam alcançar os nossos alunos, na perspectiva de fazê-los ter uma experiência estética com a literatura, algo que deveria ter sido apresentado a eles desde muito cedo. Fundamentam nosso trabalho as contribuições teóricas de Cosson (2006), Colomer (2007), Micheletti (2006) e Leite (2012), assim como as orientações curriculares para o Ensino Médio (2006). Neste sentido, tal pesquisa nos permite a discussão de alguns dos mais recorrentes problemas relacionados ao ensino da literatura no nível médio: como o uso do texto literário em sala de aula, em consonância com a falta de interesse dos alunos em relação ao planejamento do professor, nas aulas que tratam de literatura. Também estabelecemos possibilidades de encontros com problemáticas sociais que tratam de características e questionamentos vivenciados por todos nós. Logo, trabalhamos com as possibilidades de leitura e interpretação, na tentativa de formarmos leitores críticos e maduros.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, Nível Médio, Conto, A escolha.

### INTRODUÇÃO

Ao observar o trato dado ao ensino literário nas salas de nível médio, refletimos sobre alternativas metodológicas para o estudo do gênero conto, apoiado na experimentação da leitura de “A escolha”; tal proposta foi pensada para ser realizada em uma turma de terceiro ano. Com o objetivo de indigitar abordagens mais proveitosas para o texto literário na sala de aula, visamos



aproximar, de forma mais expressiva, o texto literário da realidade dos alunos, entendendo, deste modo, o desígnio de coadjuvar para a formação de leitores literários: tão escassos no meio educativo e social.

Em função disso, quando falamos em textos que trazem temáticas próximas da realidade do alunado, objetivamente focamos o nosso olhar para escritos que expressam não só temas presentes na atualidade, como mostram os nossos costumes, as nossas queixas enquanto sujeitos daquele espaço. Por esse motivo, julgamos a leitura do conto, do autor nordestino e contemporâneo Ronaldo Correia de Brito, como altamente acessível em turmas do ensino médio, tanto pela atualidade da obra do autor, quanto pela viabilidade de leitura absoluta dos textos, onde a extensão do gênero funciona como um ponto positivo para a leitura literária no contexto escolar.

O caminho delineado, percorrido na tentativa de elaborarmos uma proposta metodológica com a utilização do conto “A escolha”, de Ronaldo Correia de Brito, se fez através de uma abordagem qualitativa da leitura crítica do texto, sustentada em referências bibliográficas que contemplam os estudos sistemáticos e semânticos do conto contemporâneo. Por isso, nas reflexões atribuídas à intervenção didática, achamos interessante comentar e debater algumas considerações destinadas ao ensino da literatura na sala de aula.

Por fim, elaboramos uma proposta metodológica, com o intuito de desvendar as indagações, anular as relutâncias e desfazer os obstáculos que envolvem a mística do “ensinar literatura”, mostrando a utilidade, a capacidade, a inclinação e a mobilização do ensino literário dentro do espaço escolar.

## **1. “A ESCOLHA”: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA**

### **1.1. Considerações sobre o ensino literário na sala de aula**

Quando falamos em ensino de literatura, vários questionamentos surgem. Na verdade, um dos pontos marcantes deste debate está focado na formação do leitor literário, o que tem se tornado escasso a cada dia. Tal problemática ultrapassa as paredes da sala de aula, formando uma perigosa linha tênue entre o ensino de língua e literatura.

É importante falarmos que, na escola, a disciplina que trata dos conteúdos de língua portuguesa, literatura brasileira e literatura portuguesa recebe o nome de *português*. Nesta, lemos, interpretamos, redigimos e escrevemos textos, bem como estudamos a história literária e a poética tradicional, além do conhecimento da língua, como a gramática normativa. Mesmo estando esses dois pontos unidos numa mesma disciplina, a língua e a literatura sempre permanece em lugares



separados. O que nos faz perceber a atuação quase nula da literatura, operando apenas como base para estudos gramaticais, onde na verdade deveria ser vista, também, como parte importante do conhecimento linguístico e cultural do cidadão. Vejamos as concepções dadas, ao longo dos anos, às possíveis significações da palavra literatura:

1. A literatura como instituição nacional, como patrimônio cultural.
2. A literatura como sistema de obras, autores e público.
3. A literatura como disciplina escolar que se confunde com a história literária.
4. Cada texto consagrado pela crítica como sendo literário.
5. Qualquer texto, mesmo não consagrado, com intenção literária, visível num trabalho da linguagem e da imaginação, ou simplesmente esse trabalho enquanto tal. (LEITE, 2012, p. 21)

Se observarmos, perceberemos que a escola, tradicionalmente, se utiliza das concepções 1, 3 e 4. O que é uma pena, talvez isso seja um produto das sociedades pós-industriais e modernas, quando o uso da palavra escrita é substituído pelas novas tecnologias, redefinindo uma forma diferente de comunicação, onde o audiovisual toma a frente quebrando os costumes de uma sociedade “leitora” pré-estabelecida na segunda metade do século XX.

Teresa Colomer, ao falar sobre essas modificações, diz que “o sistema literário, como tal, teve que posicionar seu espaço e sua função social” (2007, p. 22) em relação às mutações reestabelecidas na formação do imaginário coletivo.

Não é, portanto, estranho que o ensino de literatura ficasse profundamente afetado pelo fato de que as ideias sociais a respeito de sua função e aos hábitos de consumo cultural – incluídas as dos próprios alunos – se tornassem diferentes daquelas assumidas pelas gerações anteriores. (COLOMER, 2007, p. 22)

Logo, é possível encontrar fatores externos que indicam a queda da educação literária. Mas também, fatores internos ao sistema educacional, o que nos mostra que o ensino tradicional não corresponde adequadamente à inclusão de novas áreas culturais, artísticas e atuais, o que prejudica a didatização da literatura, que há muito vem sendo questionada, mas que ainda não se conseguiu chegar a um consenso.

As próprias Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), fundamentadas teoricamente em pressupostos que embasam a Estética da Recepção<sup>1</sup>, recomendam a centralidade das obras literárias enquanto objeto principal do ensino-aprendizagem nas aulas de literatura

Quando propomos a centralidade da obra literária, não estamos descartando a importância do contexto histórico-social e cultural em que ela foi produzida, particularidades de quem a produziu, mas apenas tomando para o ensino da Literatura um caminho inverso: o estudo das condições de produção estaria

<sup>1</sup> Gr. *aisthetikós*, suscetível de perceber-se pelos sentidos; de *aísthesis*, sensação, percepção. **Estética da Recepção** – Al. *Rezeptionsaesthetik*. V. CRÍTICA. (MOISÉS, 2013, 168-169).



subordinado à apreensão do discurso literário. Estamos, assim, privilegiando o contato direto com a obra, a experiência literária, e considerando a história da Literatura uma espécie de aprofundamento do estudo literário, devendo, pois, ficar reservado para a última etapa do ensino médio. (BRASIL,2006, p.76-7)

Sendo assim, entenderemos que a orientação está pautada principalmente na formação e na aprendizagem do aluno-leitor. Ou seja, quando se fala em centralidade da obra literária, se está falando sobre a oportunidade de que o aluno conheça o texto literário, que ele transite sobre o universo da imaginação, compreenda e faça inferências com o meio social, antes mesmo de aprender ou estudar qual época ou estilo literário a obra se encaixa.

Dessa maneira, vemos que as orientações são claras quando diz que o estudo historicista além de ser importantíssimo, deve ser deixado para a última etapa do ensino médio; pois, todas essas indicações pressupõem que o ensino da literatura já ocorra nos níveis fundamentais, – com a leitura de textos literários, aprendizagem dos elementos constituintes de uma narrativa, o estudo da métrica, além da compreensão e das possibilidades de versos na poesia – mas infelizmente, isso não ocorre; pois, o ensino da literatura se torna quase que inexistente, nos anos iniciais (fundamental I e II).

Lígia Chiappini M. Leite ao dissertar sobre tais questionamentos, diz que:

Hoje a separação se acentuou: da disciplina de comunicação e expressão, no ensino fundamental, não faz parte a literatura – que só vai entrar no programa de ensino médio, entendida como história literária ou apresentação de autores e obras [...]. No ensino fundamental, o que acontece é a entrada esporádica de um ou outro livro, ou de fragmentos, e o domínio dos chamados paradidáticos. (LEITE, 2012, p. 17)

Sem demora, pensamos que se o aluno fosse preparado dessa forma e se os textos literários não fossem apenas usados como pretextos para assuntos gramaticais, ele chegaria ao nível médio mais preparado para entender e apreender assuntos mais complexos do estudo literário. Por esse motivo, Chiappini Leite confirma tudo o que foi dito, alegando que não se pode desprezar o estudo como sistema de obras, autores e público (acepção 2)<sup>2</sup>, até porque são partes de um todo; mas deve-se priorizar uma literatura com o trabalho voltado para a linguagem (acepção 5)<sup>3</sup>.

Por conseguinte, se atentarmos para as relações e as situações de ensino, perceberemos que as práticas educativas se repetem, ao modo que, não se deve esquecer de que ao se trabalhar com um texto literário, estamos ao mesmo tempo, andando por caminhos repletos de especificidades. Em

<sup>2</sup> Lígia Chiappini define 5 (cinco) possíveis significações para a palavra *Literatura*. Nessa 2ª acepção diz que os profissionais que ensinam a língua portuguesa, tratam o ensino da literatura como “um sistema de obras, autores e público” por acharem que são partes necessárias da história literária, bem como informações técnicas precisas.

<sup>3</sup> Nessa 5ª acepção, a pesquisadora fala que independente da consagração do texto, ele deve ser trabalhado visando sempre a linguagem, na perspectiva de fazer integrar o ensino da língua e da literatura numa mesma prática.



vista disso, captamos, que se o professor não se prepara para tal aula, nem estabelece objetivos aos conteúdos dados, tão pouco seu ensino será eficaz.

As aulas, em função dos conteúdos selecionados e das metodologias empregadas, fazem com que os alunos desenvolvam uma compreensão limitada do fenômeno literário. Não raro os discentes passam a acreditar que a literatura é uma disciplina decorativa e que suas aulas são irrelevantes para a sua formação. (RODRIGUES, 2012, p.17)

Posto isso, entendemos que estas práticas de ensino tão mecanizadas e artificiais, explicam o porquê de os estudantes, muitas vezes, obterem o mesmo sentimento de descrédito à literatura de um modo mais amplo, não formando o interesse pela disciplina nem tão pouco tendo o conhecimento necessário da literatura da sua língua.

Deste modo, se relacionarmos a distância entre a prioridade da formação de um leitor crítico e às práticas tradicionais utilizadas na escola, perceberemos e entenderemos de forma mais clara o que as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio alertam.

[...] quando os jovens não são ainda leitores, é difícil fazê-los se interessarem por atividades de metaleitura, além do que, se não leram os textos, o trabalho apresenta-se inteiramente inútil, resultando em desinteresse não só pelas atividades como pela própria leitura do texto, a qual lhes parecerá apenas um pretexto para realizar exercícios enfadonhos. [...]. Se o objetivo é, pois, motivar para a leitura literária e criar um saber sobre a literatura, é preciso considerar a natureza dos textos e propor atividades que não sejam arbitrárias a essa mesma natureza. (BRASIL, 2006, p.70-71)

Consequentemente, percebemos as dificuldades encontradas para a constituição de jovens leitores. No entanto, esbarramos em possibilidades de uma factível formação; no momento em que é preciso considerar a natureza do texto, para que as atividades não sejam diferentes daquela; ou seja, que o ensino da literatura se faça através de gêneros literários e é na utilização desses mesmos gêneros que conseguimos gerar alunos-leitores capazes de interpretar e identificar tais textos.

Por isso Micheletti (2006), diz que a leitura já não pode ser considerada como a decifração de sinais, letras e palavras. “Ler vai muito além”<sup>4</sup>. De imediato, entendemos que o texto literário requer um pouco mais de atenção, já que a “solidez do conhecimento” necessita de que seja construída pela leitura. Assim, concordamos com o que a estudiosa comenta: “a leitura é um ato interativo e de compreensão de mundo”. Tal compreensão é o que leva o aluno a

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Guaraciaba Micheletti (2006, p. 15)



formação do chamado “leitor crítico”<sup>5</sup>, capaz de se posicionar diante do discurso do outro; pois, a leitura é quase um “ato solitário”; no entanto, quando ocorre na escola se faz necessário a mediação do professor.

Por isso, temos a convicção de que o incentivo à leitura é uma ferramenta eficaz nas mãos do professor. No momento em que apresentamos o texto ao aluno, fazemos com que o real seja construído através das palavras. A construção de leitores “conhecíveis” das regras que regem o seu código linguístico e similarmente inteirados da literatura e das artes que perpassam e constroem a sua língua; capazes de tomar posse da linguagem literária, viajando entre mundos que descrevem e retratam, ao mesmo tempo, o real e o imaginário.

## **2. UMA INTERVENÇÃO DIDÁTICA – O GÊNERO CONTO COMO FACILITADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO**

Nas considerações discutidas anteriormente, falamos do quanto o uso da literatura como matéria educativa tem gerado grandes conflitos. Um exemplo disso ocorre no nível médio, onde o ensino literário limita-se à história da literatura brasileira que oscila entre estilos de épocas, cânone e dados biográficos dos autores. O que nos faz perceber a falência do ensino literário nas escolas. Como tratar de uma disciplina que o próprio professor desacredita? Como passar para os alunos a importância dessa especificidade da língua, se ela se parece muito mais com a disciplina de História? Melhor não seria desvinculá-la, apenas utilizando-a como pretexto para estudos interdisciplinares?

Infelizmente, perguntas como essas são colocadas à prova diariamente e perpassam o imaginário de quase todos aqueles que trabalham ou mantêm contato com a literatura. Cosson (2014, p. 23), comenta que “o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. Ou seja, àqueles que se prendem aos programas curriculares da história literária devem compreender que o ensino é mais que uma noção “conteudística” do conhecimento literário, é uma experiência de leitura a ser compartilhada.

---

<sup>5</sup> Guaraciaba Micheletti, se utiliza da caracterização de Helena Brandão\*, segundo a qual o leitor crítico: 1. Não é apenas um decifrador de sinais, mobiliza seus conhecimentos para dar coerência às possibilidades do texto; 2. É cooperativo, já que deve promover uma reconstrução de mundo, a partir das indicações que o texto lhe oferece; 3. É produtivo, na medida em que, ao refazer o percurso do autor, transforma-se em coenunciador; 4. É assim, sujeito do processo de leitura e não objeto.

\*(In Brandão, H. e Micheletti, G., *aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*, v. 2, p. 18)



Nesse caso é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. [...], compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. (COSSON, 2014, p. 23)

Assim, como afirma o autor supracitado, deve-se entender que o questionamento não está “se a escola deve ou não escolarizar a literatura”, mas sim em como fazer essa escolarização sem adulterá-la, sem modificá-la em um espectro que nega o seu poder de humanização. Por esse motivo, observando esse prisma em questão, Cosson (2014, p. 30) exprime que “é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”.

Diante disso, Cosson (2014), ao observar os pressupostos de um positivo trabalho com a literatura no espaço escolar, sistematiza caminhos que facilitarão o trato com o texto literário no âmbito educacional, além de nos possibilitar a efetiva adição da perspectiva do letramento literário na vida educativa e secular dos alunos, nas aulas de literatura. Pensando nisso, o estudioso lista duas sequências: uma básica e outra expandida. Segundo o autor, essas procuram sistematizar a abordagem do material literário em sala de aula.

Ao atentar para esses pontos, objetivamos elaborar uma sequência voltada para o nível médio, especificamente para o 3º ano. Desenvolver uma intervenção didática baseada no modelo da sequência expandida, descrita por Cosson (2014, p. 75) como sendo a forma “de deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação”.

Por esse motivo, adotamos a narrativa curta como nossa aliada na busca de uma efetiva formação leitora para alunos do nível médio. O gênero *Conto* foi escolhido pela sua grande riqueza literária que em poucos minutos consuma o prazer no ato da leitura, aproximando da realidade do aluno o letramento literário, tão defendido por Cosson, como capaz de humanizar e de construir o real através das palavras.

Não é à toa que Guaraciaba Micheletti (2006), no ensaio “A narrativa em sala de aula”, defende a funcionalidade desse gênero, que, por se apresentar como variável e mutável com o tempo, o que não o faz um tipo textual literário preso a padrões estruturais, concretiza a relação tríade: aluno-texto-mundo. Em vista disso, a autora comunica que

O conto é uma narrativa curta, por isso torna-se mais fácil lê-lo com os alunos no espaço da sala de aula. Ler um romance demandaria um tempo de que o professor não dispõe. [...]. Assim, o conto é perfeito: o professor, em companhia de seus alunos, pode explorá-lo minuciosamente, atendo-se a detalhes e relacionando-os com o todo. (MICHELETTI, 2006, p. 67-68)



Ou seja, iniciar o contato com a leitura através do conto, um gênero idiossincrático com peculiaridades únicas, do qual prepara o “campo leitor” para o aluno. Fazendo-o inferir a sua capacidade de futuramente ler um texto maior e com tamanha complexidade, como um romance<sup>6</sup>; exposto pelo próprio Rildo Cosson, como plausível de ser integrado à própria sequência expandida; onde o trabalho com a literatura, único e exclusivamente, é direcionado para a construção do letramento literário na escola.

## 2.1. A sequência expandida: uma nova metodologia para o ensino da literatura

Na sequência expandida, alguns pontos devem ser seguidos: *Motivação* que consiste em uma atividade de inclusão dos alunos no universo do livro a ser lido. *Introdução*, nessa hora, apresentamos o autor e a obra. *Leitura*, nesse instante cabe ao professor considerar o melhor tempo para a ação, se for um gênero curto, a leitura pode ser feita na própria sala de aula e mais de uma vez. *Primeira interpretação* que se destina a uma apreensão global da obra. Contextualização, segundo Cosson (2014, p. 86), inspirado em Dominique Maingueneau (1995)<sup>7</sup>, é “o movimento de ler a obra dentro do seu contexto, ou melhor (nesse sentido, o número de contextos a serem investigados na leitura de um texto literário é hipoteticamente ilimitado). *Segunda Interpretação*, que tem por objetivo a leitura aprofundada de um de seus aspectos. *Expansão*, onde é chegado o instante de se investir “nas relações textuais”<sup>8</sup>; o extrapolar do texto para outras esferas do campo literário.

Na sequência didática exposta a seguir, veremos, através de imagens, os objetivos gerais e específicos do trabalho feito com o conto “A escolha”, no qual encontramos uma narrativa curta, com 11 páginas, mas rica nas informações, preciosa no detalhamento dos fatos e repleta de caminhos discursivos que expõem o cotidiano, fazendo com que o alunado se encha do que está escrito, a ponto de querer expelir, por meio do oral ou da escrita, as sensações evidenciadas pela leitura do texto. Posto isto, caminhamos entre o mundo da leitura e da interpretação, com a obtenção de conseguirmos alcançar o aluno, a fim de mostrá-lo a importância do texto literário como um certificador de instrução nas aulas de literatura.

## 2.2. Sequência Didática Expandida: A PROPOSTA

<sup>6</sup> Micheletti exterioriza a possibilidade de um exercício futuro no espaço escolar: “Depois de um trabalho em sala de aula com um conto, pode-se organizar a leitura extraclasse de um romance [...]” (MICHELETTI, 2006, p. 68)

<sup>7</sup> MAINGENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>8</sup> Expressão usada por Cosson (2014) para explicitar o movimento das possíveis relações intertextuais; ou seja, o incentivo ao aluno de buscar as possíveis relações intertextuais, as interações realizáveis entre o texto e o mundo.





## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

**Tema:** A narrativa curta como base para as aulas de literatura - O conto “A escolha”: um espelho da realidade.

**Ano/série:** 3º Ano Médio

**Quantidade de aulas:** 4h30min/a

**Quantidade de encontros:** 3 encontros de 2 aulas cada (45min/a)

### Objetivo geral:

- Incentivar a criticidade de leitores literários através da leitura do conto “A escolha”, de Ronaldo Correia de Brito.

### Objetivos específicos:

- Ler e interpretar o texto escolhido;
- Apresentar o autor utilizado;
- Identificar as diferentes temáticas expostas no texto;
- Instigar o senso crítico dos alunos;
- Compreender a complexidade do texto literário;
- Reconhecer o gênero conto;
- Categorizar a estrutura do gênero;
- Incitar o trabalho com a intertextualidade;
- Justificar a contemporaneidade expressa no texto.

### Conteúdos:

Leitura e interpretação do texto literário: o gênero Conto (Narrativa Curta) – “A escolha”.

**2.2.1. Módulo 1:** Leitura e interpretação da obra. Nesse instante, o professor deverá manter o foco nas informações centrais do texto. (Figura A)

**2.2.2. Módulo 2:** Momento em que o professor deverá analisar a obra – expressão estética que representa a obra, elementos constitucionais da narrativa, atualidades presentes no texto, abordagem das principais temáticas –. (Figura B)

**2.2.3. Módulo 3:** Etapa em que o professor deverá fazer com que o aluno se aprofunde em uma temática específica, a fim de fazê-lo ir além da leitura. Expansão: como proposta, realizar a intertextualidade entre os contos “A escolha”, de Ronaldo Correia de Brito, e “Trio em Lá Menor”, de Machado de Assis – observar temáticas e aspectos estruturais semelhantes nos textos –. (Figura C)



Figura A

## A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

### Seguido de conteúdo e metodologia

- > **Módulo 1**
- > **Tempo:** 1h30min/A

#### Objetivos específicos

- ✓ Promover uma leitura motivacional a partir da leitura da crônica "As escolhas de uma vida" de Martha Medeiros;
- ✓ Introduzir a autora, destacando suas características jornalísticas e literárias;
- ✓ Ler o conto a "Escolha" de Ronaldo Correia de Brito;
- ✓ Promover a interpretação do texto.



Figura B

## A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

### Seguido de conteúdo e metodologia

- > **Módulo 2**
- > **Tempo:** 1h30min/A

#### Objetivos específicos

- ✓ Promover uma contextualização do conto "A escolha" de Ronaldo Correia de Brito;
- ✓ Apresentar a estética contemporânea;
- ✓ Esboçar a intertextualidade entre os textos;
- ✓ Analisar os elementos constituintes da narrativa curta;
- ✓ Promover levantamentos relevantes às temáticas existentes no texto;
- ✓ Aguçar o senso crítico e discursivo do alunado.

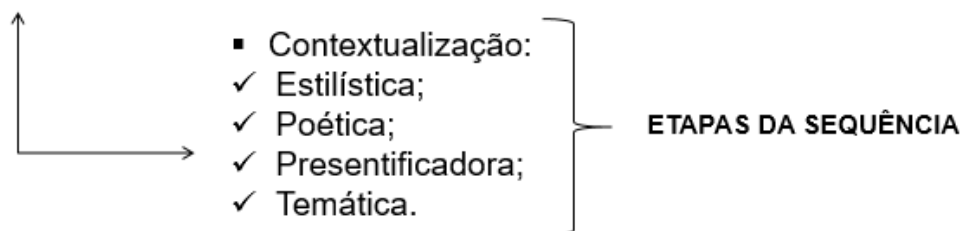




Figura C

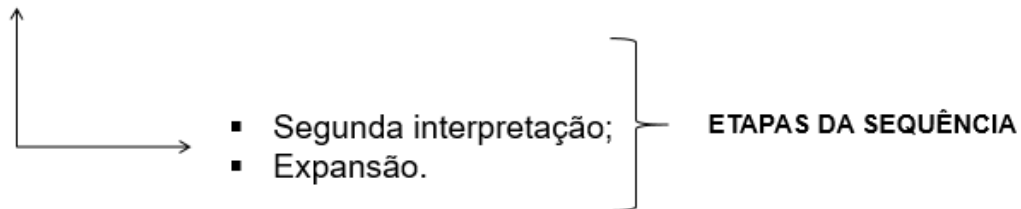
## A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

### Seguido de conteúdo e metodologia

- **Módulo 3**
- **Tempo:** 1h30min/A

#### Objetivos específicos

- ✓ Promover uma leitura aprofundada do conto "A escolha" de Ronaldo Correia de Brito;
- ✓ Estabelecer levantamentos relevantes às temáticas existentes no texto;
- ✓ Efetivar a escrita de outros gêneros a partir da leitura;
- ✓ Engendrar uma socialização entre aluno e escola;
- ✓ Esboçar a intertextualidade entre textos.



### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo a elaboração de uma proposta metodológica para o ensino da literatura no nível médio. Através da ocupação com o conto "A escolha", de Ronaldo Correia de Brito, efetivamos a nossa pesquisa com o intuito de comprovarmos a eficiência do gênero conto na sala de aula, bem como o uso do próprio texto literário dentro das aulas de literatura. Em detrimento disso, apontamos para a investigação de alguns dos mais recorrentes problemas relacionados ao ensino da literatura no Nível Médio, como a má execução do texto literário em sala de aula, em conformidade com a falta de interesse do professor no planejamento de aulas que tratam da literatura.

Entre tais obtenções, referentes ao uso desta proposta, enfatizamos a indispensabilidade de se entender a relevância do uso do texto literário; ou seja, a necessidade de se conseguir uma maior concretização dos sentidos da obra, além do objetivo principal, que é o de formar leitores críticos. À vista disso, alertamos para a necessidade de os textos literários serem usados como ponto central nas aulas de literatura, já que objetivamos formar alunos-leitores críticos, capazes de ler, interpretar, compreender e discutir um texto literário, e não apenas mecanizar teorias que sistematizam a literatura, que enquadram análises e decoram conceitos sobre o estilo e/ou época.



Através disso, seguindo os pressupostos do Letramento Literário (ensino – metodologia – literatura), entendemos que a obra literária orienta a sua própria entrada, à medida que através dos seus panoramas interpretativos o aluno é capaz de perceber os objetivos principais daquele texto. Além de dar ao professor, por intermédio da sua prática, a liberdade comunicativa de mediar a leitura, concebendo, ao mesmo tempo que orienta, a liberdade literária ao aluno, dando autonomia de conhecimento para que este, mais à frente, trilhe sozinho os caminhos literários, consentindo ao aluno-leitor modos diferentes de enxergar o mundo.

Por fim, retomamos uma realidade e uma discussão já fixada no passado, a de que o ensino literário tem sido esquecido e sofrido alterações, sendo vista como uma especificidade menor da língua; todavia, mostramos que com a alteração necessária da prática educativa, não só é possível repensarmos a didatização literária, como fazê-la prosperar, cunhando ao pé da letra as suas funções principais: ser espelho da realidade, reconhecer-se nas entrelinhas do texto, libertar o pensamento, quebrar rótulos, viajar no mundo da subjetividade, e fazer refletir concomitantemente com a aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, **Orientações curriculares para o ensino Médio**. Volume 01 Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2006.
- BRITO, Ronaldo Correia de. [1950-] **Faca**. / Contos. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007 (trad. Laura Sandroni.).
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. - 2. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2006.
- LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. **Gramática e Literatura: desencontros e esperanças**. In: \_\_\_\_\_. GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula* – São Paulo: Anglo, 2012. 136p.
- MICHELETTI, Guaraciaba. et al. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. – 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2006. – (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 4).
- RODRIGUES, Luciana Maria Moura. **Leituras e leitores de "Corações Solitários" - alternativas para a abordagem do conto em sala de aula**. (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. - Campina Grande, 2012.